Canta e caminha
Núm. 185 • Mar - Abr 2026

Nosso mundo está em choque: ressurge a lei do mais forte, a violência é argumento e, a guerra, solução imediata. O diferente é visto como inimigo, busca-se engrandecer-se à custa do rebaixamento do próximo. Nesse cenário, a missão dos Agostinianos Recoletos na Amazônia constitui um autêntico contraponto: reconhecer a própria necessidade de ajuda não é fraqueza; ao contrário, a humildade e a acolhida revelam-se atitudes eficazes, corajosas e profundamente transformadoras.

Amazônia: uma missão sem instruções

As duas grandes crises que os **Agostinianos Recoletos** tiveram de enfrentar em sua missão em **Lábrea** (AM) revelam, em seus traços mais existenciais, algo que surpreende àqueles que observam a Igreja de fora ou a partir de estereótipos e preconceitos: somos profundamente humanos; não constituímos uma **instituição monolítica**.

Na primeira crise, dois religiosos assumiram **posições opostas**: um defendia a continuidade da difícil missão; o outro propunha seu abandono, fugir logo. Trata-se de duas atitudes amplamente reconhecíveis. Todos identificamos o **pessimista**, que se imobiliza diante de qualquer decisão, e o **entusiasta**, que não se deixa abalar nem mesmo pela mais dura e insistente realidade.



Quando chegaram ao **Amazonas**, em 1926, ambos experimentaram uma sensação profunda e esmagadora de **abandono**. O **pessimista** via uma sociedade sem expectativa. Em poucos anos, a Amazônia foi do luxo extravagante de acender os charutos com cédulas e enviar as roupas desde **Manaus** para serem engomadas em **Paris** a um quadro de caos, desesperança, violência e miséria. Era o **fator externo** que o convencia a fugir dali.

O **otimista**, por sua vez, não era **ingênuo**: tinha plena consciência de que, se sua Ordem não se empenhasse ao máximo enviando recursos e pessoas dispostas a trabalhar, tudo estaria fadado ao fracasso. Dedicou a vida a solicitar **mais missionários, mais recursos, mais compromisso**; e é preciso reconhecer que não o conseguiu: durante os primeiros cinquenta anos, a missão prosseguiu sustentada exclusivamente pelo empenho de poucos — muito poucos. Esse foi o **fator interno**.

Entre **1968 e 1970** ocorreu a **segunda** crise, até que um **prior geral**, enfim, assumiu a responsabilidade por aquela missão como Família religiosa, após uma séria advertência da **Santa Sé**. Tomou uma decisão então pouco comum: abriu-se a **novas formas de colaboração** e engoliu o **orgulho**, reconhecendo, com humildade, a necessidade de ajuda.

Esse prior geral abriu a missão a outras **Províncias** da Ordem e promoveu um ambiente propício à colaboração com outras **Congregações** e novos agentes. Seguiu-se, então, um renovado **dinamismo missionário**: voluntários, leigos de diversos países apoiando e financiando, leigos locais ativos na missão.

A missão passou por uma **transformação profunda**, tornando-se um verdadeiro **laboratório de iniciativas**: leigos em processo de formação, pequenas **comunidades de base**, porém eficazes, em contínuo crescimento, e a **defesa dos mais vulneráveis** assumida como princípio norteador.

Na imagem, estão os participantes da última **Assembleia da Prelazia de Lábrea**. Poucos deles são missionários **recoletos**, mas pode-se afirmar, com justo orgulho, que a presença de todos ali é fruto da capacidade dos missionários de **envolver muitas pessoas**, oferecendo-lhes espaço e voz. Hoje, a Igreja de **Lábrea** distingue-se por seu caráter **aberto, fecundo e dialogante**.

Os **Agostinianos Recoletos** souberam, assim, elaborar novas diretrizes para impulsionar a missão que lhes foi confiada pela Igreja. É isso que apresentamos nesta edição de ***Canta e Caminha***.

Boletim de amizade e divulgação do carisma agostiniano recoleto
agostinianos recoletos
província de São Nicolau de Tolentino
www.agostinianosrecoletos.org

Cem anos de criatividade a serviço de uma missão

A Família Agostiniana Recoleta tem, em sua missão de Lábrea (AM), uma responsabilidade confiada pela Igreja, uma oportunidade de semear seu carisma e espiritualidade, um dom que aprofunda a própria fé e um compromisso com a defesa dos excluídos e o cuidado da Casa Comum. Ao longo de cem anos, busca os caminhos mais fecundos para concretizar essa missão.

A **Missão de Lábrea** (AM) representou uma novidade para a **Família Agostiniana Recoleta**. Quando chegaram, há cem anos, os **Recoletos** estavam no **Brasil** havia apenas um quarto de século, atuando nas regiões **Centro** e **Sul** do país. Traziam uma longa tradição missionária, especialmente nas **Filipinas**, onde se relacionaram com o mundo indígena e com o clima tropical, planejaram cidades e construíram conventos, igrejas, escolas, fazendas, represas e vias de comunicação.

Essa experiência foi de grande utilidade no **Brasil**. Contudo, na **Amazônia**, os novos condicionantes geográficos, culturais e sociais impuseram **desafios inéditos**, exigindo **soluções criativas** e uma considerável pauta do método de *tentativa e erro*.

A **Prelazia de Lábrea** é de proporções imensas: estende-se por cerca de **600** km no sentido Leste-Oeste e **400** km no eixo norte-sul, totalizando uma área de **228.476 km²**. Em **1926**, abrigava aproximadamente **35.000 habitantes**; hoje, esse número é cerca de três vezes maior; e uma população indígena de difícil mensuração. **Lábrea**, então uma pequena vila com cerca de **400 habitantes**, conta atualmente com aproximadamente **35.000 moradores**.



As quatro comunidades recoletas no Amazonas, estado com a extensão equivalente a três vezes a da Espanha ou a cerca de três quartos do território do México.

O rio **Purus** é a espinha dorsal e a **única via de ligação** que conecta os quatro municípios (**Pauini**, **Lábrea**, **Canutama** e **Tapauá**) com seu curso sinuoso de cerca de **3.000 km**.

À exceção dos povos indígenas, não era um território de **primeira evangelização**. Mas dois fatores conferiram a **Lábrea** um caráter singular: a complexa realidade social e a influência neopentecostal.

Os habitantes não indígenas do vale do **Purus** chegaram fugindo da miséria, das secas e da fome no **Nordeste**. Duas grandes levas de milhares de jovens buscaram se enriquer com a **borracha**: entre **1879 e 1912**, com a Revolução Industrial; a entre **1942 e 1945**, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas poucos enriqueciam, e era às custas de uma **multidão explorada e submetida** pela violência. Os povos **indígenas** eram expulsos por meio de métodos genocidas. A **violência** permeava as relações sociais, de trabalho e até mesmo afetivas. Os homens vindos de fora uniram-se às mulheres locais, dando origem aos **caboclos**, mestiços de nordestinos e indígenas.

Os **Recoletos** chegaram em **Lábrea** no momento de **maior decadência** na região. A borracha havia perdido seu valor após o **Império Britânico** retirar mudas da **Ama-**

Inácio Martínez, o "otimista" da nossa capa, a bordo do barco Santo Agostinho. 1928.



distante, isolada e repleta de novos desafios

zônia e expandir sua produção no **Sudeste Asiático**. Como consequência, os **caboclos** foram abandonados **à própria sorte**.

Em **1926**, os **Recoletos** depararam-se com uma realidade de **extrema miséria**: crianças sem escolas, fome generalizada, exploração em massa e violência. As estruturas humanas e as próprias igrejas encontravam-se em **ruínas**.

O segundo fator era a presença de **seitas neopentecostais**, predominantes em **Tapauá** ou no rio **Passiá**, em **confronto** com os católicos.

Apesar desse cenário, o **maior desafio** enfrentado pelos **Recoletos** não era **externo**, mas **interno**. A **escassez de missionários e de recursos** nunca foi plenamente suprida pelos superiores, o que gerou duas grandes crises (1926–1930 e 1968–1971), que por muito pouco não comprometeram a missão.

Até **1971**, havia apenas entre **dois e seis** missionários efetivamente ativos em toda essa vasta **Prelazia**. **Lábrea** permaneceu como a única comunidade religiosa recoleta entre **1926 e 1942**; nesse ano, um único frade estabeleceu-se em **Canutama**. Em **1949**, os Recoletos chegaram a **Pauini** e, somente em **1965**, a **Tapauá**.

Para alcançar os fiéis, os missionários criaram as "***desobrigas***": a visita anual do padre permitia que os fiéis *cumprissem suas obrigações religiosas* (casar-se, comungar, batizar, crismar). Durante meses, os missionários navegavam longas distâncias ao encontro do povo.

A partir de **1972**, os **Agostinianos Recoletos** passaram a assumir com maior responsabilidade a organização da missão, ampliando o número de missionários e os recursos. Além disso, o **Concílio Vaticano II** e os documentos do episcopado latino-americano (**CELAM**) impulsionaram uma profunda renovação na ação missionária.

Os missionários colocaram os **leigos** na linha de frente da evangelização, com as **Comunidades Eclesiais de Base**. Cada comunidade urbana, ribeirinha ou indígena passou a viver sua fé de forma **autônoma**, promovendo o **diálogo**, criando **redes de solidariedade** e exercendo **participação social**. Os **leigos** coordenam a liturgia, a catequese, a solidariedade. Surgiram **sindicatos** e **associações**.







O missionário recoleto Miguel Ángel Peralta, na popa, na pesca junto ao seu ajudante, na proa com a rede. Abaixo, à esquerda, extração da borracha, fonte de riqueza e também de profundo sofrimento. À direita, o agostiniano recoleto Jesus Moraza, na década de 1970, organizando as primeiras comunidades eclesiais de base na zona rural

No século **XXI**, a população **urbana** superou à **rural**, numa proporção aproximada de 70% para 30%. O **rosto da missão** difere profundamente daquele encontrado há cem anos. É marcadamente **feminino**: as **mulheres** assumem papel central na vida eclesial. Os fiéis tornaram-se mais **conscientes** de seus direitos, denunciam injustiças e estão mais conectados.

Os missionários, por sua vez, tornaram-se **mais presentes** nas comunidades rurais, graças à melhoria das embarcações e ao apoio de numerosos colaboradores locais.

A **Amazônia** é um verdadeiro **lugar teológico** para a Igreja. Com o **Sínodo da Amazônia** e a primeira **encíclica** dedicada à região, a Igreja é vanguarda da defesa da **Ecologia Integral** e da **Casa Comum**, da criação de **áreas de conservação** ribeirinhas e as **terras indígenas demarcadas**. Antes adversários, ribeirinhos e indígenas hoje defendem juntos o patrimônio ecológico amazônico, frente às ameaças da **exploração predatória** movida exclusivamente pelo lucro.

Nos últimos cinquenta anos, os **Agostinianos Recoletos** contaram com a colaboração de diversas Congregações e Associações. Em diferentes períodos, atuaram na **Prelazia de Lábrea** as **Missionárias Agostinianas Recoletas**, os **Maristas**, as **Missionárias de Jesus Crucificado**, as **Oblatas da Assunção**, as **Missionárias Marianas**, os **Frades Menores Missionários**, as **Franciscanas do Apostolado Paroquial**, as comunidades leigas **Epifania** e **Missão Resgate**, bem como as dioceses de **Vitória** (Espírito Santo), **Ponta Grossa** (Paraná), **Crato** (Ceará) e **Campina Grande** (Paraíba).

“Um serviço espiritual e social de valor incalculável”

O agostiniano recoleto Cenóbio Sierra (Salamanca, Guanajuato, México, 1940) dedicou 31 anos de sua vida à Amazônia, o terceiro frei que por mais tempo se entregou nessa missão. Professor e padre, semeou a Palavra e as palavras, ajudando no crescimento humano e espiritual de muitos.

Completei 31 anos no imponente **Amazonas**, onde servi em **Tapauá** e **Canutama** por dois períodos distintos, além de um período em **Lábrea** e outro em **Pauini**, abrangendo, assim, todas as comunidades da missão.

Assim que soube que seria enviado ali, procurei informar-me sobre tudo. Também havia escutado alguns missionários relatarem suas experiências. Contudo, é muito diferente aquilo que se lê e se ouve do que, de fato, se experimenta. A realidade colocou-me diante de situações como a **alimentação precária** e o **calor excessivo**. Um jornalista chegou a descrever aquilo como “o inferno verde”, devido às **pragas de insetos**: durante o dia, pium e mutucas; nas margens, o meruim; e, à noite, as muriçocas.

Não há **quatro estações**, mas apenas verão e inverno. Um ditado popular expressa bem a realidade: “*No verão chove todos os dias; no inverno, o dia todo*”.

Impactou-me o **baixíssimo nível educativo**. Em uma de minhas primeiras viagens pelas comunidades ribeirinhas, antes de iniciar a Missa, perguntei:

— *Alguém sabe ler?*

Responderam, em uníssono:

— *O Felipe sabe!*

Pedi que proclamasse a epístola, e fiquei impressionado. Ele soletrou o texto do início ao fim, com grande dificuldade. E ainda, depois da celebração apresentou-se e disse:

— *Sou o professor da comunidade.*

Veio-me então à mente aquele versículo bíblico: *Porque, se assim fazem com a árvore verde, o que não farão com a árvore seca?*

Dediquei meu primeiro ano ao **aprendizado do português**. Minha faculdade foi a **praça**, com as crianças. Elas riam do meu modo de falar, ainda confuso.



Nos momentos livres, estudava **inglês**, o que depois se revelou muito proveitoso. O agostiniano recoleto **Richard Cornwall**, professor de inglês em **Tapauá**, pediu-me que o substituísse enquanto estava de férias em seu país, os **Estados Unidos**. Ao retornar a **Canutama**, continuei esse trabalho na escola, devido à grande carência de professores qualificados, necessidade sempre apontada pelos diretores.

Posteriormente, prestei **concurso público** e passei a lecionar oficialmente do 5º ao 8º ano do ensino fundamental. Em certa ocasião, fui designado para uma turma do 3º ano. Nela havia um aluno inquieto chamado **Francisco Soares**. Ao fazer a chamada, ele respondeu:

— *O Musculoso!*

Prossegui normalmente, mas, ao final, pedi que se levantasse. Tinha cerca de **13 anos**, era alto, porém magro e franzino.

— *Então você é o “Musculoso”?*

— *Sim, professor, é assim que me chamam.*

Também tive um aluno extremamente eficiente. Dotado de grande inteligência, progrediu com êxito, o que foi motivo para mim de grande alegria. Chegava inclusive a me auxiliar-me na avaliação dos colegas, como um assistente.

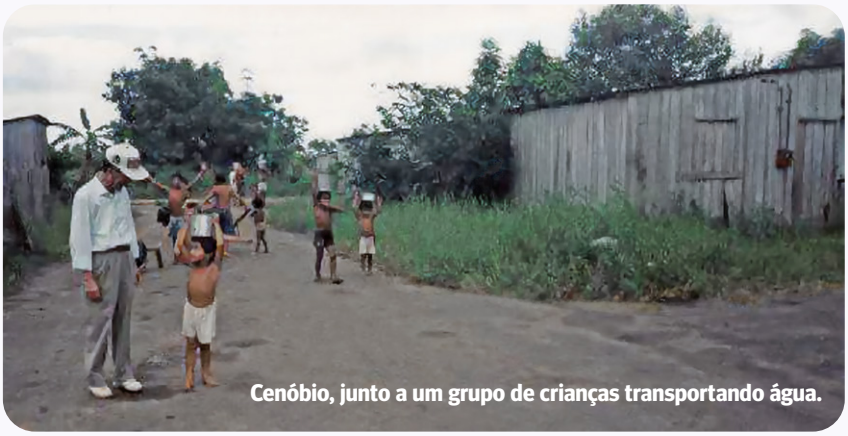
Certo dia, em **Tapauá**, ao término da Missa dominical, aproximou-se de mim um jovem bem-vestido, que se destacava dos demais. Cumprimentou-me em **inglês**, com naturalidade e excelente pronúncia. Perguntei-lhe quem era.

— *Sou Rogélio Pontes. O senhor foi meu professor de inglês em Lábrea, há mais de 15 anos. Acabo de chegar a Tapauá para assumir o cargo de gerente do Banco Bradesco.*

Ao longo de tantos anos como professor, jamais encontrei conflito entre minha **missão educativa** e minha **vocação missionária**.

Com convicção, afirmo que os **missionários agostinianos recoletos**, ao longo destes **cem anos** em **Lábrea**, prestaram um serviço **incalculável** nos âmbitos religioso, espiritual, social e humano.

O **Centenário** constitui uma ocasião privilegiada para **reavivar**, **fortalecer** e **valorizar**, com consciência renovada, nossa identidade como membros da **Igreja Católica, Apostólica e Missionária**. Amém!



Cenóbio, junto a um grupo de crianças transportando água.

Os Povos das Águas

O acompanhamento da Prelazia de Lábrea e da Família Agostiniana Recoleta aos povos ribeirinhos e originários é uma dimensão essencial e indelével da missão, expressando, ao longo deste século de presença na Amazônia, o compromisso, o cuidado e a responsabilidade dos missionários.



As **demarcações indígenas**, as **reservas extrativistas** e as **áreas de conservação** por meio das quais hoje se busca **proteger a Amazônia** da destruição provocada pela avareza e pelo afã de lucro, são consequência lógica e jurídica de um trabalho que a **Família Agostiniana Recoleta** realiza nesta terra há **cem anos**.

A Igreja Católica e os missionários são a **única instituição e o principal apoio externo** para os povos **ribeirinhos e originários**, obrigados a defender sua terra e seu modo de vida, testemunhas de que é possível a convivência sustentável entre os **humanos** e o **bioma amazônico**.

A Igreja promove **comunidades eclesiais de base** rurais, fortes e articuladas, e, inspirada pelo **Evangelho**, defende a **Ecologia Integral** e a cultura do cuidado da **Casa Comum**, propondo uma visão na qual terra, água, flora e fauna são compreendidas como **companheiras de caminho**, e não como meros objetos a serviço do lucro.

Este vídeo permite conhecer melhor esses povos e suas lutas, reconhecer o bem que oferecem à humanidade ao preservar esse espaço único e perceber que seu modo de vida depende intrinsecamente da floresta — cuja destruição implicaria também o desaparecimento desses povos.

Eles cultivam uma vida **comunitária e austera**, com evidentes afinidades com o **carisma e a espiritualidade agostinianos recoletos**.

Para a realização deste documentário, contamos com o apoio das comunidades dos **Agostinianos Recoletos** em **Pauini**, **Lábrea** e **Tapauá**; das **Missionárias Agostinianas Recoletas**; a assessoria e o acompanhamento da **Comissão Pastoral da Terra** (CPT) e do **Conselho Indigenista Missionário** (CIMI) da **Prelazia de Lábrea**.

Ao todo, **17 entrevistados** oferecem seus testemunhos. Entre eles, destaca-se o bispo agostiniano recoleto da Prelazia de Lábrea, **Santiago Sánchez**; o bispo emérito, também recoleto, **Jesus Moraza**; e três missionárias agostinianas recoletas: **Ivone Leonor**, **Socorro Vaz** e **Ana Maria da Silva**.

As aldeias indígenas **apurinã** de **Copaíba** (Lábrea) e **São João** (Tapauá) abriram-nos suas portas, com a participação de **Alfredo *"Erekae"***, apurinã, e o apoio de **Hoadson Leonardo Silva**, do **CIMI**.

Pela **Comissão Pastoral da Terra**, colaboraram **Marcos da Silva Souza**, agente em **Tapauá**; **Edilson Santana da Silva**, gestor da **Área de Conservação de Paiol de Jacaré** (Tapauá); e **Antônio Souza do Nascimento**, da Associação Agroextrativista da Selva de Tapauá.

Também ouvimos professores das escolas rurais: **Antônio Jobson Alves do Nascimento**, de Baturité (Tapauá); **Francisco Ferreira**, de Paiol de Jacaré (Tapauá); e **Rita Ferreira de Souza**, de Santo Elias (Pauini). E ao agente de saúde rural **Osvanir Ferreira de Brito**, de Baturité (Tapauá).

Recebemos igualmente o valioso apoio da Comunidade de Base Rural de **Ermida** (situada em **Lábrea**, mas vinculada à Paróquia de **Pauini**), sob a liderança de **Socorro**, cuja condição de mulher com deficiência visual não a impede de manifestar extraordinária força e dedicação na coordenação de uma comunidade empenhada em garantir uma vida digna a todos os seus membros.

Agradecemos também a participação das agentes de pastoral da Paróquia Santo Agostinho de Pauini, **Raimunda Saturnino *"Branca"*** e **Aparecida Lima**, que apresentam o **Sítio Frei Loreto**, espaço privilegiado de **educação ambiental** e de promoção da espiritualidade inspirada na encíclica ***Laudato Si'***.

Convidamos você a assistir a este **documentário** (disponível em **espanhol**, **português** e **inglês** por meio do QR code) com espírito aberto e com o propósito de assumir o compromisso de **cuidar da nossa Casa Comum** e de apoiar os povos que defendem o "pulmão do planeta" frente à avareza e à destruição promovidas por aqueles que buscam apenas o enriquecimento, ampliando as desigualdades e as injustiças no mundo.

Gildo, o recoleto de Pauini: "A floresta não

Raimundo Gildo Sousa Celestino (AM, 1997) é o único agostiniano recoleto professo natural do Amazonas. Atualmente, realiza, no Colégio Santo Agostinho de Valhadolid (Espanha), a etapa final de sua formação inicial em preparação para a profissão solene e para servir ao Povo de Deus.

Como você vivia sua fé numa comunidade de base?

A primeira experiência que conservo na memória é o **testemunho vivo** de pessoas de fé profunda, que me ensinaram a confiar em Deus: meus **avós**, as **Missionárias Marianas**, os **frades recoletos** e tantos **leigos** que despertaram em mim o desejo de servir a Deus na vida comunitária.

A fidelidade dessas pessoas marcou-me profundamente e contribuiu para formar **quem sou hoje**. Participar de uma pequena comunidade eclesial de bairro ofereceu-me caminhos concretos de crescimento humano, social e religioso.

Ressalto também a devoção popular, que nutriu em mim **o sentido do sagrado**: aprender a saborear as coisas de Deus, a confiar n'Ele por meio de orações simples, do terço e da ação de graças cotidiana. Essa vivência conduziu-me a reconhecer que é **Deus** quem **orienta a minha vida**.

As celebrações, as visitas às famílias e tantas outras atividades foram o combustível que alimentou em mim o desejo de **fazer algo por Deus e pelos irmãos**. Aprendi a olhar para o céu e perceber que Deus tem um projeto para minha vida. A floresta não escondeu o horizonte dos meus sonhos; ao contrário, **sempre sonhei muito**.

Dois valores marcaram meu despertar para a fé: o **respeito** ao outro — reconhecendo sua dignidade e a beleza de Deus nele — e a **perseverança**, que vi tanto em meus avós quanto em minha mãe.

Nas **comunidades de base**, a fé é vivida de modo simples, porém **concreto** e **encarnado**. As pessoas mais experientes são como **luzes** que apontam para o Deus que caminha com seu povo nas lutas do cotidiano.



A Igreja matriz de Santo Agostinho, no bairro Baixo de Pauini, com o rio Purus. Abaixo, Gildo quando era aluno do Centro Esperança. Na página seguinte, com o violão, animando uma celebração em uma comunidade de base ribeirinha.

Permanecer é essencial diante de tantos desafios. Aqueles que entregam a vida ao serviço do Reino e confiam em Deus, mesmo quando tudo **parece difícil**, testemunham a beleza da Palavra de Deus em suas vidas. Vivem uma fé encarnada nas lutas diárias, marcada por uma profunda gratidão a Deus.

Como você descobriu a chamada à vida consagrada?

Atualmente, sou o **único religioso agostiniano recoleto natural do Amazonas**, embora haja também um pré-noviço e um postulante oriundos de **Manaus**. Sinto-me feliz e, ao mesmo tempo, consciente de minha pequenez, alcançado pela misericórdia de Deus que me chama a este caminho.

Desejo servir a Deus e aos irmãos a partir deste carisma, no seio desta **Família**, testemunhando o amor de Deus, que me acompanha e confere sentido à minha existência.

Minha paróquia, em **Pauini**, é **agostiniana recoleta** e tem **Santo Agostinho** como padroeiro. Cresci ouvindo sua história, inspirando-me em seu exemplo, cantando canções como *"Toma e lê"* e vendo seus frades deixarem marcas profundas nas margens do rio **Purus**.

Isso despertou em mim o desejo de **consagrar minha vida** a Deus e de colaborar na construção do Reino. Em minha cultura, os **leigos** têm grande protagonismo; contudo, desde pequeno, eu já "brincava" de celebrar missas e procissões, fazia



escondeu o horizonte dos meus sonhos”

leituras nas celebrações e até ganhei uma base de madeira para alcançar o ambão, a fim de que todos pudessem me ver.

Certo dia, durante uma celebração, o frei me perguntou, sem aviso prévio, o que eu queria ser quando crescesse. Respondi: ***“Quero ser padre”***. Nunca esquecerei esse momento.

As **Missionárias Marianas** também foram exemplo de vida consagrada. Cresci próximo a elas e testemunhei sua alegria no serviço e sua devoção à **Nossa Senhora de Guadalupe**, a quem confio minha vocação e a de meus irmãos.



O que deixaram os Agostinianos Recoletos em sua terra ao longo de cem anos?

O primeiro testemunho que me fascina é o de **vida**. Eles revelaram a beleza da **vida comunitária**: mesmo com personalidades distintas, estavam **unidos** por um mesmo carisma e espiritualidade. Também deixaram sua marca na forma de **rezar** e na **fidelidade**, pois sem oração não se sustenta a missão.

Essa presença foi profundamente fecunda. Recordo, por exemplo, **Inácio Martínez**, que nunca deixou de anunciar o essencial: **Jesus Cristo**. Suas visitas pastorais foram um testemunho concreto de serviço.

Os missionários também contribuíram para que os leigos compreendessem a importância de **lutar por seus direitos** e por **uma vida digna**. A fé não está separada da realidade, e a Igreja nunca foi indiferente ao clamor dos excluídos. Promoveram **obras sociais**, organizaram **pastorais**, construíram igrejas e **estruturas** comunitárias.

Seu legado se fundamenta na **disponibilidade** para servir, na **alegria** e na **paixão** missionária. Tornaram cada pessoa participante de sua história e de sua luta por uma vida melhor. Trata-se de uma contribuição inestimável da **Família Agostiniana Recoleta** neste século de convivência com o povo amazônico.

Como podem os jovens descubrir sua própria vocação?

Creio que vale a pena **lutar pela Amazônia**, tão profundamente marcada pela presença de Deus. Dois verbos sintetizam minha mensagem: **escutar** e **seguir**.

Escutar requer **silêncio** interior e **atenção** àqueles que já percorreram o caminho. Deus jamais abandona suas criaturas. Podemos sonhar — e sonhar grande —, mas com os pés no chão, o coração em Deus e as mãos no trabalho. O projeto de Deus é a **felicidade**, e essa felicidade passa pela **construção de um mundo melhor**.

Queremos uma vida bela, boa e plena de sentido, mas para discernir a vontade de Deus, é necessário **deter-se**, escutar sua voz e perguntar: *o que Deus sonha para mim?*

Após o **discernimento**, não devemos **temer**. Seja qual for a nossa vocação, **todos temos algo a oferecer**. É preciso coragem para transformar nossa realidade.

O **compromisso** é essencial: empenhar-nos na construção de uma **sociedade mais justa e digna**. Na Igreja, encontramos sempre um **lar**, um espaço de encontro com Deus na beleza de sua Palavra. Como recordou o Papa **Francisco**, a alegria do Evangelho preenche a vida daqueles que se encontram com **Jesus** — e constitui a maior alegria possível nesta terra.

Como será no futuro sua missão e a dos Agostinianos Recoletos na Amazônia?

Servir ao meu povo é uma das maiores alegrias que experimento como religioso. Conheço essa realidade social e eclesial e desejo caminhar junto com as pessoas.

Sonho em entregar minha vida como gesto de **gratidão**. Quero ser **sinal da beleza** da Palavra de Deus, estar disponível para o que for necessário e reconhecer tudo o que Deus realizou em minha história.

Espero, um dia, retornar à **Prelazia de Lábrea** para concretizar essa entrega nesse **solo sagrado da Amazônia**.

O melhor serviço dos **Agostinianos Recoletos** será a partilha da fé: a missão primeira é **evangelizar** e levar a presença de **Jesus** a todos os corações. Trata-se de **estar ao lado das pessoas**, para que encontrem os meios de uma vida digna e elevem o coração ao céu — sua meta —, experimentando, já aqui e agora, o amor que impulsiona a perseverar na entrega a Deus e ao seu Reino.

Como dizia a missionária mártir agostiniana recoleta **Cleusa**: ***“Vale a pena arriscar-se”***. Sim, vale muito a pena — **vale até a vida**!

CEPROME na Costa Rica



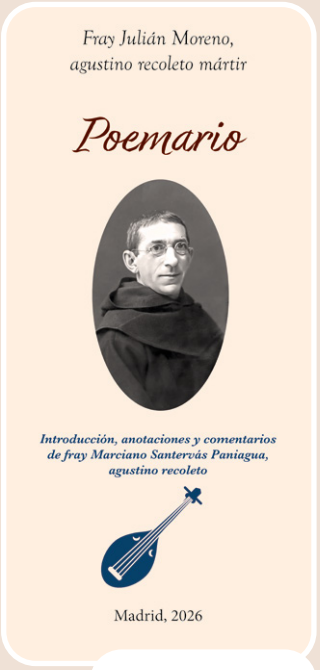
Reparar o dano: fé que sustenta, cuidado que acompanha e justiça que restaura. Este foi o **lema** e os princípios do **V Congresso do Centro de Investigação e Formação Interdisciplinar para a Proteção do Menor** (CEPROME), realizado em São José (Costa Rica), de 3 a 5 de março.

Essa organização latino-americana dedica-se à **prevenção de abusos sexuais** e à promoção de **ambientes seguros** no âmbito da Igreja e da sociedade. Nesses congressos, são compartilhados e aperfeiçoados os processos de acompanhamento e reparação, e a **Família Agostiniana Recoleta** tem participado ativamente, contribuindo com sua experiência e reafirmando o compromisso de ser sempre um espaço seguro para todos.

Poesia recoleta

Em outubro do ano passado, foi apresentado o livro *O Trovador de Cristo. Frei Julião Moreno, agostiniano recoleto mártir*. O editor daquela seleção de poemas, frei **Marciano Santervás**, também agostiniano recoleto, disponibiliza agora, em versão digital ***(QR)***, o restante da obra poética conhecida do **beato**, martirizado em **Motril**, em 1936, e sobrinho do também santo agostiniano recoleto **Santo Ezequiel Moreno**.

Ao todo, são **69 poemas**, alguns de considerável extensão, ultrapassando mil versos. Organizados tematicamente, contam com introdução, notas e comentários do editor. O propósito é oferecer ao leitor a possibilidade de saborear sua beleza e reconhecer a notável arte de versificar que distinguia este poeta mártir agostiniano recoleto.



Capítulo Provincial

A **Comissão** nomeada para preparar o **129º Capítulo Provincial da Provcíncia de São Nicolau de Tolentino**, que terá início em 18 de maio, em **Marcilla** (Navarra, Espanha), já apresentou um **retiro** de animação espiritual, um **questionário** sobre a situação atual da Província e as **propostas** dos religiosos, juntamente com as **adesões** recolhidas após o devido discernimento.

Além disso, o **Conselho Provincial** solicitou aos membros leigos da **Família Agostiniana Recoleta** (Fraternidades Seculares, Juventudes JAR, Mães de Santa Mônica, colaboradores e trabalhadores dos ministérios, familiares dos religiosos, simpatizantes e amigos) que enviem, por e-mail [**info@agustinosrecoletos.org**], as **sugestões** que considerarem oportunas para fortalecer a missão evangelizadora, a vivência carismática e a fraternidade espiritual entre todos os membros desta **Família**.



Sos del Rey Católico



No dia **18 de janeiro**, realizou-se a solene despedida dos **Agostinianos Recoletos**, após **123 anos** de presença, do Convento e Santuário de Valentuñana, em **Sos del Rey Católico** (Saragoça, Espanha). Foi a Província de São Nicolau de Tolentino que inaugurou este convento como casa de formação em 13 de outubro de **1902**.

O ambiente foi festivo, marcado pela **ação de graças**, fortemente ressaltada nas intervenções do bispo, do prior geral, do provincial da **Candelária** e da prefeita, que, além disso, entregou aos **Agostinianos Recoletos** a **Medalha de Ouro** da localidade, em reconhecimento e gratidão por sua presença e pela dedicação ao Santuário de sua padroeira. A todos, nosso sincero agradecimento por tantos **momentos e vidas compartilhadas**.